

6.04.01 - Arquitetura e Urbanismo / Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo.

A FORMAÇÃO DO PARQUE PERUCHE COMO TERRITÓRIO NEGRO

Maria Gabriela. F. dos Santos^{1*}, Ana Cláudia C. Barone²

1. Estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)
2. Professora da FAU-USP - Departamento de Projeto/Orientadora

Resumo

Este trabalho pretende contribuir para a caracterização do Parque Peruche, na Zona Norte da cidade de São Paulo, como território negro, por meio da recuperação da história de sua ocupação nos anos de 1940 e 1950. A partir de fontes como depoimentos de moradores, atas da câmara municipal e notívia de jornal, pudemos perceber que o primeiro contingente populacional significativo do bairro foram famílias negras migrantes de Minas Gerais e do interior paulista e grupos negros oriundos de bairros centrais de São Paulo. Na pesquisa, identificamos que a conformação do Peruche como território negro foi possível não só pela presença expressiva de moradores negros, mas também pela existência e atuação de organizações socioculturais desse grupo no bairro. Durante as primeiras décadas de ocupação do Peruche, essas instituições e suas similares no Rio de Janeiro e Salvador, estabeleceram um intercâmbio de práticas e saberes.

Palavras-chave: Instituições negras; intercâmbio; sociabilização negra.

Apoio financeiro: FAPESP.

Trabalho selecionado para a JNIC: USP.

Introdução

No início do século XX, a população negra habitou a área central da cidade de São Paulo e seu entorno em habitações de aluguel, cortiços e porões, sendo paulatinamente desalojada por sucessivas medidas de “melhoramentos urbanos” e obras de infraestrutura implementadas pelo poder público. A partir da década de 1930, esse grupo passou por um processo de periferização em razão da possibilidade de aquisição de terrenos a baixo custo, nos loteamentos que vinham sendo abertos em regiões distantes do centro urbano de São Paulo (BARONE, 2020). Para a população negra, esses loteamentos na periferia da cidade tornam-se também núcleos menos atingidos pela opressão policial, onde ela pode desenvolver sua cultura e a recusa dos valores culturais dominantes impostos pela sociedade, por meio de “aparelhos ideológicos” como a Igreja, Estado, etc. (BRITTO, 1986). Exemplo dessas expressões culturais são o candomblé, o samba, as irmandades e outras associações recreativas e culturais do grupo negro.

Pertencente ao antigo Sítio do Mandaqui, o Parque Peruche foi aberto no final dos anos 1930 e constituiu um dos loteamentos na periferia da cidade que receberam a população negra que ansiava por uma melhora social e estabilidade econômica. Tal como ocorria em outros territórios negros na cidade, como Barra Funda, Bexiga e Lavapés, o Parque Peruche se apresentava para o negro não só como um espaço para moradia, mas também como território livre para o exercício de sua liberdade e fruição. Instituições como a Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, a Escola de Samba Unidos do Peruche e o terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùfýwá foram importantes para a construção de uma identidade negra no bairro, sendo reconhecidas na bibliografia consultada e acessadas por meio do contato com seus líderes e integrantes.

Além disso, identificamos uma importante interação entre essas instituições do Peruche e suas similares em outros centros urbanos. Nossos entrevistados afirmaram que suas instituições mantiveram relação direta com entidades no Rio de Janeiro desde as décadas de 1940/50. Nosso objetivo, portanto, é reconstituir essa malha de interações que engendraram uma rede de instituições negras no bairro e ajudaram a constituir naquele local um território negro.

Metodologia

A pesquisa se iniciou a partir da coleta de depoimentos de moradores e ex-moradores negros do Parque Peruche, negros, filhos dos negros que adquiriram terrenos no bairro entre 1940 e 50, além de um entrevistado que pertence à terceira geração. Ao todo, foram coletados dez depoimentos. Buscamos dar liberdade para a narrativa desenvolvida pelos próprios entrevistados, com a intervenção e condução pontual da pesquisadora. Foram explorados temas comuns em todos os relatos: família, moradia, trabalho, lazer do negro e suas instituições socioculturais.

Esse material acabou por estruturar parte significativa da pesquisa, nos auxiliando na caracterização do bairro como território negro. A precariedade do bairro que marcava a vida dos moradores nos primeiros anos de ocupação do Peruche, conforme relatado nos depoimentos, também foi observada na leitura dos periódicos *Jornal da Noite* e *Correio Paulistano*, acessados através da Hemeroteca Digital Brasileira. Cartas abertas de moradores e reportagens publicadas nos periódicos abordaram questões como a falta de transporte público, calçamento e pavimentação, saneamento básico e ocorrência de enchentes no Parque Peruche (ZUMBANO, 1946 e 1947; O CARREIO PAULISTANO, 1947; JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949). As Atas da Câmara Municipal, disponíveis na biblioteca do Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo, complementaram os

depoimentos concedidos e as notícias extraídas dos periódicos. A leitura das atas nos permitiu apreender que o Parque Peruche compunha a mancha periférica da cidade e, junto a outros bairros, esteve presente na fala de políticos populistas quando esses aclamavam pelos direitos básicos nessas regiões (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1948 e 1949).

Consultamos os censos demográficos de São Paulo organizados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para compreender a territorialidade negra do Parque Peruche a partir de fontes demográficas e estatísticas oficiais. Os dados disponíveis tornam difícil uma avaliação da espacialização da população negra no município de São Paulo em grande parte do século XX. Os censos de 1940 e 1950 apresentam apenas tabulações totais, sem discriminar dados por distritos. No ano de 1960 não foram coletados dados em relação à cor da população ou municípios, de forma que as tabulações são apresentadas por totais gerais do estado. Em 1970, a variável cor também não entrou para o censo, o que significa que apenas o recenseamento de 1980 apresentou dados suficientes para o estudo demográfico da população negra do Parque Peruche. Os dados do censo de 1980 reiteram a presença negra no Parque Peruche, constatada pelos informantes da pesquisa e reconhecida na bibliografia consultada (OLIVEIRA, 2002; ROLNIK, 1989; SANTOS, 2018).

Para a realização deste trabalho, além das fontes primárias descritas acima, também foram consultadas fontes secundárias diversas, sobre diferentes aspectos da questão racial no espaço urbano.

Resultados e Discussão

O reconhecimento do Parque Peruche como território negro parte dos próprios moradores e ex-moradores entrevistados para a realização da pesquisa. Os depoentes afirmam que nas primeiras décadas de ocupação do bairro, 1940 e 1950, o Peruche se caracterizava como um reduto negro. Essa população era constituída de famílias negras que migraram de Minas Gerais e do interior paulista, e grupos oriundos de outros bairros centrais da cidade de São Paulo, como Barra Funda, Bexiga, Lavapés e Santa Cecília. No entanto, compreendemos o Parque Peruche como território negro não só em razão da expressiva presença da população negra, mas também a partir da identificação de uma rede de cultura, religião e sociabilização afro-brasileira no bairro. A Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, a Escola de Samba Unidos do Peruche e o Terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùíywá são organizações negras presentes no Parque Peruche desde os primeiros anos de sua ocupação.

O nascimento dessas organizações no Parque Peruche, corresponde ao período, primeiras décadas do século XX, em que houve o esforço de formulação de uma identidade nacional baseada nas três raças que compunham a população brasileira. Sendo o negro parte integral da unidade nacional, viu-se a necessidade de compreender a colaboração do grupo afro-brasileiro para a construção dessa identidade. Naquele momento, celebrava-se a contribuição cultural do negro por meio do samba e do futebol, práticas destacadas sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal (ALBERTO, 2011). No entanto, a atuação das instituições negras do Peruche que identificamos e sua importância para o forjamento da identidade negra do bairro, indica que a noção de unidade da população afro-brasileira estava sendo formulada não só no Rio de Janeiro. Para além disso, as entrevistas com os membros das organizações negras do Peruche apontam que essas entidades estavam interligadas por uma rede que extrapola os limites do bairro. Percebemos um intercâmbio entre as instituições do Peruche e suas similares no Rio de Janeiro e em Salvador, indicando que esses negros estavam organizados em associação com outros contextos urbanos.

O intercâmbio entre grupos negros nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, foi explorado por Paulina Alberto (2011). A autora mostra que o movimento negro do século XX, através de seus intelectuais negros e organizações socioculturais, ajudou a moldar o discurso sobre relações raciais e a ideia de democracia racial no Brasil moderno. Esse movimento pôde ser observado em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, e a atuação de seus partidários aponta que havia uma rede de relações para além de seus territórios, e que as ideias do movimento circulavam entre esses centros urbanos. Os intelectuais afro-brasileiros se apropriaram do discurso oficial sobre inclusão racial, para reivindicar a integração do negro na sociedade brasileira através da democracia.

O estudo das instituições negras do Parque Peruche mostra que a população negra das classes mais baixas também se organizou para garantir os seus direitos como cidadãos, como as escolas de samba, terreiros e irmandades.

A Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche estabeleceu contato com irmãos de outras localidades através das festas a São Benedito, que não só reúnem todos os devotos da comunidade e seus familiares, mas também outras irmandades convidadas. A participação de outras comunidades de São Benedito nos festejos de uma irmandade ocorre não só em razão da fraternidade entre os irmãos, mas também para a arrecadação de fundos para a realização da festa a São Benedito. Assim, através desses encontros, a Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, desde a sua fundação em 1941, estabeleceu contato não só com as Irmandades de São Benedito de São Paulo, como a da Penha e a dos Homens Pretos do Rosário do Paissandu, mas também com os irmãos das comunidades do Rio de Janeiro e do interior paulista, como as do Tietê, Sorocaba, Laranjal Paulista, Aparecida do Norte, Pirapora do Bom Jesus, etc.

No caso do candomblé, a religião se firma na capital paulista a partir de uma rota triangular entre Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, promovida por babalorixás e ialorixás originários desses centros urbanos. No entanto, foi Joãozinho da Goméia o pai de santo mais influente na consolidação pública da religião no Sudeste. O babalorixá nasceu em 1914 em Inhambupe, interior da Bahia, e aos 10 anos de idade se mudou sozinho para Salvador, onde em 1930 foi iniciado no candomblé pelo pai de santo Severiano Manoel de Abreu.

Posteriormente, Joãozinho da Goméia refez o santo no Terreiro de Gantois com a Mãe Menininha. Em 1946, o pai de santo se mudou para a cidade do Rio de Janeiro. Herdou um terreiro de sua madrinha, mas logo estabeleceu sua própria casa, onde construiu sua fama (LODY, 2002).

Entre meados dos anos 1950 e começo dos anos 1960, se observa uma relação entre Joãozinho da Goméia, os terreiros fixados na Baixada Santista e certas casas de umbanda em São Paulo (PRANDI, 1990). No Parque Peruche, o pai de santo foi responsável por iniciar Isabel de Omulu ou Iya Kateçu em 1962, ialorixá do terreiro Ilê Iy Mi Oxum Muiyiwa, e sua filha carnal e herdeira Iya Wanda d'Osun (Mãe Wanda) em 1964.

Por fim, observamos um intercâmbio entre o samba paulista e carioca quando nas décadas de 1940 e 1950, as escolas de samba de São Paulo passaram a indicar uma tendência para que os eventos paulistanos emulassem os cariocas. Isso ocorre a partir da estabilização de parcerias e apoios com o governo, o comércio local, rádios e jornais, e em razão da grande influência do carnaval do Rio de Janeiro entre os sambistas paulistas. Essa relação se estabeleceu por meio da troca de práticas e saberes entre as duas metrópoles, através de visitas realizadas por carnavalescos de São Paulo à então capital do país. Carlão do Peruche, um dos carnavalescos responsáveis pela fundação da Escola de Samba Unidos do Peruche, foi um dos personagens, entre outros, responsáveis por esse intercâmbio (AZEVEDO e OLIVEIRA, 2018). Em 1960, encontros entre sambistas e estudiosos do ritmo oriundos de São Paulo e Rio de Janeiro, procedem e estreitam a relação que havia se iniciado nas décadas passadas (CUNHA, 2000; AZEVEDO e OLIVEIRA, 2018).

Além desse intercâmbio direto entre os sambistas paulistas e cariocas, o trânsito de sacerdotes do candomblé entre o Rio de Janeiro e São Paulo, conforme já observado neste trabalho, também pode ter influenciado a troca de práticas e saberes entre as duas metrópoles. Diferentemente das origens do samba paulista, o ritmo carioca nasceu de práticas ocorridas nos terreiros de candomblé. Nos primeiros anos do século XX, o samba do Rio de Janeiro era praticado e desenvolvido em reuniões promovidas nas casas dos pais e mães de santo oriundos da Bahia, responsáveis pela difusão do candomblé na cidade carioca (CUNHA, 2000). Um pai de santo notório no circuito do candomblé e que manteve intrínsecas relações com o samba que vinha sendo produzido nos morros cariocas foi Joãozinho da Goméia (LODY, 2002; PEREIRA, 2018). Entre 1950 e 1970, o babalorixá participou ativamente do carnaval carioca, saindo em desfiles e coreografando algumas alas. Por isso, acreditamos que a presença do pai de santo no Parque Peruche na década de 1960 também pode ter contribuído para o trânsito entre o samba carioca e o paulista.

Conclusões

As entrevistas concedidas nesta pesquisa permitiram formar o primeiro entendimento do Parque Peruche como território negro. As práticas culturais, religiosas e sociais negras formuladas nos primeiros anos de ocupação do bairro e perpetuadas até os dias atuais foram apreendidas a partir das memórias desses moradores e ex-moradores negros do Peruche.

Confrontados com a bibliografia, jornais da época e fontes oficiais, esses relatos permitiram reconhecer a expressiva presença negra na Zona Norte de São Paulo. A existência de organizações negras como as Irmandades de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, da Escola de Samba Unidos do Peruche e do Terreiro Ilê Iy Mi Oxum Muiyiwa, indica que no Parque Peruche se estabeleceu uma rede de resistência negra. Essa desafiava a ordem social hegemônica e lutava pela superação da marginalidade do grupo negro. A luta pela equidade social, educação e promoção de cultura e lazer para a população negra estava sendo entravada não apenas pelos intelectuais negros, mas também pela classe artística, pelos estudantes e pela própria população negra em geral.

Esta pesquisa possibilitou apreender uma rede de candomblés, umbandas, irmandades, festas, banquetes e sambas que não só forjaram um território negro no Parque Peruche, na Zona Norte de São Paulo, mas também relações com os grupos negros do Rio de Janeiro e da Bahia. Reconhecer essas práticas e saberes é importante para prezarmos e preservarmos os valores reinventados pelos grupos afro-brasileiros, que não se esgotam nos estereótipos midiáticos veiculados junto à opinião pública.

Referências bibliográficas

ALBERTO, Paulina. **Therms of Inclusion**. Black intellectuals in Twentieth-Century Brazil. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011. 396p.

AZEVEDO, Clara de Assunção; OLIVEIRA, Felipe Gabriel. Para além do Anhembi: as escolas de samba de São Paulo e outras práticas de sociabilidade. In: **Ponto Urbe** [online], 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/5906>>.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. **Estratégias de aquisição da casa própria**: a trajetória de algumas famílias negras paulistanas nas décadas de 1920 a 1940. ANAIS DO MUSEU PAULISTA, v. 28, p. 01, 2020.

BRITTO, Iêda Marques. **Samba na cidade de São Paulo (1900 1930)**: um exercício de resistência cultural. São Paulo: FFLCH-USP (Antropologia, v. 14), 1986.

CUNHA, Fabiana Lopes. **Da marginalidade ao estrelato**: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945). 2000. 260f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1940. Recenseamento Geral do Brasil – 1940.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1950. Recenseamento Geral do Brasil – 1950.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1960. Recenseamento Geral do Brasil – 1960.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1970. Recenseamento Geral do Brasil – 1970.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1980. Recenseamento Geral do Brasil – 1980.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. **A Presença do Negro na Cidade**: Memória e Território da Casa Verde em São Paulo. 2002. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

LODY, Raul. Joãozinho da Goméia: o lúdico e o sagrado na exaltação ao candomblé. In: Silva, Vagner Gonçalves (org). **Caminhos da alma**: memória afro-brasileira, São Paulo: Summus, 2002.

PEREIRA, R. Memórias do Terreiro da Goméia: entre a sacralidade e a dessacralização. In: VIRUS, São Carlos, n.16, 2018 [online]. Disponível em: < <http://www.nomads.usp.br/virus/virus16/?sec=4&item=1&lang=pt>>.

PRANDI, Reginaldo. Linhagem e legitimidade no candomblé paulista. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 14, p. 18-31, out. 1990.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras. In: **Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 – CEEA**. Universidade Cândido Mendes, 1989.

SANTOS, Bruno Garcia dos. **Memórias afrodiaspóricas em território negro paulista**: práticas ancestrais no Parque Peruche. 2018, 131f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

Fontes Impressas

BAIRROS ALAGADOS. **Jornal de Notícias**, São Paulo, ano 3, n. 836, p. 12, jan. de 1949.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Ata da 73ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de São Paulo**. São Paulo, 06 setembro 1948.

_____. **Ata da 123ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de São Paulo**. São Paulo, 14 janeiro 1949.

OS BAIRROS da Berlinda: Casa Verde – Mundo perdido e abandonado dentro mesmo de São Paulo. **O Correio Paulistano**, São Paulo, ano 94, n. 27.991, p.24, jun. 1947.

ZUMBANO, Sr. Higino. Tem a palavra o povo. **Jornal de Notícias**, São Paulo, ano 1, n. 64, p. 8, ago. 1946.

_____. Os bairros na berlinda: Casa Verde. **O Correio Paulistano**, São Paulo, ano 94, n. 27.984, p.5, jun. 1947.